

AS NARRATIVAS DO SOBRENATURAL: NO LITORAL CATARINENSE, FINAL DO SÉCULO XIX

André Alexandre Gasperi¹
Francisco Alfredo Braun Neto²

RESUMO: *A narrativa aborda questões acerca dos imaginários e das diversas práticas mágicas que compôs o sobrenatural no litoral catarinense, findando o século XIX. O conhecimento mágico deu-se por diversas influências, através dos indígenas, africanos e europeus, esse saber sofreu modificações e junções. Muitas dessas práticas receberam julgamentos do conservadorismo e diversas vezes vista como pecado. Relacionando os escravos com as ações mágicas: curandeirismo, adivinhações e demais, ambos derivados de Satã, assim os viam, deste modo a sociedade cristã conservadora e tradicionalista, sempre estava a espreita para manter a ordem da boa moral e dos bons costumes no decorrer do litoral.*

PALAVRAS-CHAVE: *Curandeirismo; Escravidão; Imaginário; Jornais; Sobrenatural.*

ABSTRACT: *The narrative addresses questions about the imaginary and the various magical practices that composed the supernatural in Santa Catarina coast, ending the nineteenth century. The magical knowledge was given by various influences, through the indigenous, African and European, this knowledge was modified and joints. Many of these practices have received conservatism trials and several times seen as sin. Reconnecting the slaves with the magical actions: faith healing, divination and other, both derived from Satan, and saw them, so the conservative Christian society and traditionalist, was always lurking to maintain the order of good morals and good manners during the Coast.*

KEYWORDS: *Faith healing; Slavery; Imaginary; newspapers; Supernatural.*

1. Introdução

A pesquisa acerca do sobrenatural³ teve o seu ponto inicial nos estudos realizados com os jornais do século XIX, deste modo foram possíveis fazer recortes para desenvolver o artigo. Abordando as questões de raça, que foram desenvolvidas pelos naturalistas do século XVIII, estes que promoveram a hierarquia das “raças”⁴, de tal modo que os jornais de Desterro utilizaram de argumentos sobrenaturais para manter a sua posição perante aos escravos.

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Desenvolveu esta pesquisa no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro – NEAB, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. andre_gasperi@hotmail.com

² Professor do curso de História e Relações Internacionais e responsável pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da Univali.

³ Neste caso o foco da pesquisa foi o levantamento do imaginário e das práticas mágicas a qual eram condenadas pela igreja e sociedade.

⁴ Segundo Munanga, a conceituação das raças é utilizada no primeiro momento na classificação de espécimes da Zoologia e Botânica, logo utilizada no século XVIII como processo hierarquizante das etnias.

Outro fator desenvolvido foi acerca da religiosidade e o sobrenatural, o qual a igreja influenciou e manipulou através dos imaginários, assim comparando o mal aos escravos e suas práticas, visto que tal ação promoveu ainda mais o ódio. Além dos imaginários medievais acerca do maligno, argumentos tirados da Bíblia Sagrada foram utilizados para justificar o fato ocorrido da escravidão.

Segundo Souza (1986), as práticas mágicas que compuseram o sobrenatural nas colônias, entre elas tiveram adivinhações, curas e feitiços, auxiliadores tanto para os escravos quanto para seus senhores, que utilizavam destes artifícios em benefícios próprios. Usufruíam das técnicas, mas, condenavam aos escravos de feiticeiros, deste modo percebemos a hipocrisia desde os séculos escravistas. Os padres também possuíam escravos e utilizavam em especial de um método de “exorcismo” quando não consigam lidar com esse fenômeno, assim recorriam aos negros calundureiros para resolver estas questões.

Souza (1986), fala do sobrenatural e a junção de diversos conhecimentos, por meio dos indígenas, africanos e europeus. Ocorreram demasiadas práticas auxiliadoras no apaziguar das dificuldades, os poderosos tinham recursos da medicina e poderiam estar pagando pelo serviço, conforto que não alcançava a maior parte da sociedade, assim recorriam das práticas – que a igreja condenava – almejando a cura, sendo muitas das vezes nem cobradas.⁵

2. O imaginário religioso e suas influências

O cristianismo medieval também foi grande influenciador na visão sobrenatural acerca do negro. No século XVI o fanatismo religioso permanecia e continuava a manipular os fiéis por meio do medo, assim ocorreram estragos severos no inconsciente da sociedade europeia – o temor e o pavor tomaram para si –, utilizavam do imaginário distorcido acerca do mal para aprisionar as pessoas a seu favor, deste modo atingindo as diferentes classes sociais. Não fora difícil para as instituições religiosas impor regras e leis “santas” da moral e do bom costume. Além da preocupação do controle social através dos princípios religiosos, há o surgimento das figuras do mal: demônios e o Satã – nomeado pela igreja medieval. Segundo Delumeau (1989), a criação da imagem teve grande importância para o controle social – visto que as imagens auxiliaram muito no processo autoritário, de tal modo que proliferou ódio e o temor

⁵ Liz (2011) cita que, nos locais de carência a presença do médico não se fazia, recorriam ao curandeirismo por não terem condições de pagar o médico, assim muitas consultas de benzedadeiras e padres tornavam-se gratuitas.

pelas representações⁶, assim podemos observar em uma peça teatral do século XVI:

Uma peça representada em 1539 põe em cena o papa Pammachius e seu conselheiro Pofirio evocando Satã, que os espectadores vêem aparecer: "Ele tem grandes chifres, seus cabelos são todos eriçados, seu rosto é horrendo, seus olhos são redondos e flamejantes, seu nariz é comprido, torto e recurvo, sua boca, desmesuradamente grande, inspira horror e pavor, seu corpo e inteiramente negro." (DELUMEAU, 1989, p.245).

Este imaginário criado pela igreja medieval acerca de Satã, contribuiu às comparações de algumas das características do maligno aos negros, portanto, influenciado ainda mais o processo discriminativo perante aos escravos. Algumas das características físicas que compõem Satã vieram de outra civilização, deste modo compôs ainda mais a figura animalesca e amedrontadora dos demônios:

J, Baltrusaitis mostrou através de comparações comprobatórias que a iconografia demoníaca europeia dos séculos XIV-XVI se avolumara com elementos vindos do Oriente que haviam reforçado seus aspectos assustadores. A China enviou assim ao Ocidente hordas de diabos com asas de morcego e com seios de mulher. Exportou dragões de asas membranosas, gigantes de grandes orelhas e com um único chifre na testa. (DELUMEAU, 1989, p.242).

A inserção de imagens vinda do Oriente contribuiu para o imaginário e fortaleceu o poder religioso no passado. Nos dias atuais essas representatividades não são comuns, porém, acreditam fielmente na existência do anjo caído – isto no meio cristão – e o temor continua – pavor e medo que perpassou os séculos –, mas ainda utilizam desta crença para auxiliar no processo de controle e aprisionamento dos fiéis. Deste modo observa-se o perigo na construção e associação de conceitos e signos.

Além dos argumentos acerca da representação de Satã aos negros, fora utilizado um trecho religioso para justificar a escravidão, deste modo não houve remorsos nas atrocidades que cometeram contra os africanos e afrodescendentes na história escravista brasileira. Interpretação acerca de uma passagem da Bíblia Sagrada agregou ao arsenal das justificativas:

A primeira origem do racismo derive do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Segundo o nono capítulo da Gênese, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deitara numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem, comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado

⁶ Os grandes tímpanos dos "Juízos Finais" esculpidos nas catedrais góticas são compostos por imagens de demônios e pessoas em um eterno sofrimento, serviram para o controle da sociedade por meio do medo, assim a favor da igreja.

pelos dois filhos descontentes da risada não linzongeira de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a ser escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas se baseiam sobre esse mito para justificar e legitimar o racismo anti-negro. (MUNANGA, 2003, p.08).

É interessante abordar que na atualidade há outro argumento utilizado em algumas vertentes do cristianismo, encontra-se em Gênese, com o título “O primeiro homicídio” que fora traduzido por João Ferreira de Almeida:

Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou. Disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão? E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra por mim. És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão. Quando lavrares o solo, não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra. Então, disse Caim ao SENHOR: É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo. Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua presença hei de esconder-me; serei fugitivo e errante pela terra; que comigo se encontrar me matará. O SENHOR, porém, lhe disse: Assim, qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs o SENHOR um sinal em Caim para que o não ferisse de morte quem quer o encontrasse. Retirou-se Caim da presença do SENHOR e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden. (Gn. 4:08)

Algumas vertentes do cristianismo utilizam desta passagem para responder a famosa pergunta, porque os negros foram escravizados? E a resposta seria: o sinal que Deus colocou em Caim – esta marca que passaria aos seus filhos –, a marca seria a cor da pele, assim seria conhecida de geração a geração, deste modo as pessoas que acreditam em tal interpretação veriam nos atuais afrodescendentes e indagariam em seus pensamentos, eles são descendentes de Caim, logo pode-se ocorrer preconceitos. Não estou a dizer que este capítulo de Gênese justificava os preconceitos aos afrodescendentes na atualidade, nada justifica tal ação. Vale ressaltar que ambas as passagens não se refere aos negros, nessas não cita a cor da pele como o sinal, ou melhor, nem cita as características da marca. Deste modo percebe-se que as interpretações errôneas podem prejudicar demasiadamente a sociedade.

A religião influenciou bastante e continua a influenciar as questões morais que compõem a nossa sociedade, ao analisar o nosso meio social percebemos muitas práticas que a igreja conseguiu inserir na vida dos brasileiros, assim foi nos séculos da escravidão e em Desterro no século XIX, onde cometeram diversas atrocidades que marcaram a nossa história.

3. O sobrenatural e a hierarquia étnico-racial

Em Tijucas Grande na região de Desterro no final do século XIX, fora encontrado no

Jornal CAMPEÃO⁷, um relato acerca de uma crioula que deu a luz a um ser estranho que não sabiam identificar, mas havia características que assemelhavam-se de animais:

Em S. Sapé uma crioula deu á luz uma criança, cujas mãos assemelhavam se á patas de carneiro e além disso tinha na testa uma saliencia, como de chifres do mesmo animal, que vinham despontando. A ser exacto devia ir para o Museu esse phenomeno da natureza. (Jornal O CAMPEÃO, 1885, p.04)

A abordagem do imaginário europeu a respeito do recém-nascido da moça crioula⁸, tratando-os como aberrações da natureza. Sendo muito comuns os negros, crioulos e seus descendentes serem humilhados ao longo dos séculos. As publicações foram ferramentas de uso frequente para reafirmar o lugar dos negros perante aos seus senhores. Este recorte feito do jornal A LUCTA⁹ de Desterro do século XIX retrata associação do negro a pobreza:

Succumbiu no hospital de caridade a infeliz mulher que, graças ao descuido das auctoridades competentes, pelas nossas ruas e praças dava em espectáculo a sua semi-nudez e cruel enfermidade. Recolheram-n'a áquelle azylo porque alguém protestou contra a falta de humanidade de que ella era indefeza victima; levaram-n'a para o leito um de hospital, mas a infeliz já tinha soffrido muito para aproveitar-se da esmola – morreu. Morreu quase como um cão, para ahi, á tôa, á espera do fiscal que mandasse enterrar em qualquer canto. Uma vergonha! Uma vergonha! Felizmente para as <boas> consciencias o seu cadaver é anonymo para despertar queixas e rubores. Que descanse em paz a desgraçada que tinha contra si duas pessimas qualidades: – A pobreza e a côr. (Jornal A LUCTA, 1885, p.02)

É interessante notar a visibilidade que a cor negra teve nesta notícia, ligando-a com uma péssima qualidade, ou, azar por ter nascido com esta cor, deste modo percebemos que os negros alforriados não tinham oportunidades e a sociedade não os tratava com o devido respeito – sendo frequente a negra alforriada ter que trabalhar na taverna –, eram invisíveis para sociedade, – assim como são tratados os nossos amigos “garis” (coletores de lixo), além da falta de respeito para com eles – para os que ainda eram escravos ficavam a mercê de seus senhores. É visível na história do Brasil a superioridade que o branco obtinha e ainda obtém em nossa atual sociedade. Como diz Munanga (2003), relação de poder e dominação.

Para se entender o contexto de superioridade entre as raças, deve-se ter noção da “[...] história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais.” (MUNANGA, 2003, p. 01) Este método de classificar é muito importante para estudos e pesquisas, os conceitos servem para auxiliar no processo, sem a classificação é impossível estudar as infinidades de espécies que

⁷ Jornal CAMPEÃO (09 de agosto de 1885, p.04) de Tijucas Grande, atual Tijucas - Santa Catarina.

⁸ Escravo nascido no Brasil.

⁹ Jornal A LUCTA (30 de julho de 1885, p.02) de Desterro, atual Florianópolis.

compõem o nosso universo. O ‘x’ da questão não é o classificar do ser humano para operacionalizar o pensamento e facilitar as pesquisas, mas sim, a classificação no processo de hierarquia racial:

Se os naturalistas dos séculos XVIII - XIX tivessem limitado seus trabalhos somente á classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema á humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. (MUNANGA, 2003, p.05).

A escala de valores criada pelo sueco naturalista Carl Von Linné – conhecido em Português como Lineu –, criador da primeira classificação racial das plantas, dividiu os seres humanos em quatro raças: americano; asiático; africano; europeu, no século XVIII. Assim, ele:

[...] conseguiu relacionar a cor da pele com a inteligência, a cultura e as características psicológicas num esquema sem dúvida hierarquizante, construindo uma escala de valores nitidamente tendenciosa? O pior é que os elementos dessa hierarquização sobreviveram ao tempo e aos progressos da ciência e se mantêm ainda intactos no imaginário coletivo das novas gerações. (*Ibid*, p.09).

A cor da pele como sabemos fora a característica fundamental na divisão da humanidade, ou, divisão de “raças”, assim “[...] a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que resistem até hoje no imaginário coletiva e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela” (MUNANGA, 2003, p.05).

4. As práticas mágicas-sobrenaturais

A cor da pele teve o seu lado sobrenatural comparando ao Satã pela igreja como relatamos acima, a pigmentação escura fora a característica mais evidente e marcante – a cor do pecado, como era retratada –, mas, as práticas religiosas africanas e seus métodos de cura também foram julgados, deste modo agravando ainda mais a percepção distorcida do europeu e condenando-os escravos ainda mais – visão que perpassou abolição e continuou a falta do entendimento a cerca da cultura africana desde os anos escravistas.

Não era apenas o fator da cura vista como feitiços, os afazeres dos escravos no dia-a-dia sempre eram visto de forma suspeita e se por acaso desconfiassem de algo, com certeza as costumeiras difamações ocorriam e espalhavam-se. Muitas das vezes os julgamentos eram publicados nos jornais e assim ganhava mais visibilidade, o recorte feito aborda essas

questões:

Descobriu-se finalmente a grande panella do Feitiço, – era uma associação de escravos de ambos os sexos, que depois do toque do sino da cadea, pretendiao pela arte de berliques e berloques enfeitiçar aos seus Srs., e illudir a policia; porém um Inspector de quartirão que não dormia, assistio por cima do telhado a uma das sessões preparatorias, e no dia seguinte fez ver a competente autoridade, que immediatamente seguio para o grande estabelecimento, e encontrara uma panella com todos os temperos, e como faltasse o sal e a pimenta, mandoa convocar alguns socios e os recolhea no Ingarcompetente (cadea) para lhes fornecer o essencial. Ahi tiveram uma boa dose, e sendo a panella um tanto grande para temperar-se, foi mister algum tempo, e então nesse intervallo houve o seguinte duelo:

O FEITICEIRO.

Menina, minha crioula
Quero fugir do teu lado,
Um feiticeiro me diz
Que eu estou enfeitiçado.

A FEITICEIRA.

Diga qual é, amorsinho,
O feitiço que eu te fiz,
Se tú me estimas não crias
No que o feiticeiro te diz.

O FEITICEIRO.

Não lhe estimo e nem quero
Que me falles assim n'isso,
Até sei que vens buscar
O tempero p'ra o feitiço.

A FEITICEIRA

O feitiço é minhas mãos,
O tempero é a palmatoria,
Possuindo o vosso amor,
Considero o mais historia.

O FEITICEIRO.

Senão tens outro feitiço
Quero apanhar a teu lado,
E por isso que me dizes
Já estou enfeitiçado.

AMBOS.

Sim, meu bem, soffremos juntos
Na mais perfeita união,
Assim mesmo enfeitiçado
O meu e o teu coração.

E com isso terminou-se o tempero da panella, e elles retirarão-se muito satisfeitos, e eu pezaroso de dizer aos leitores que por hoje basta de séca. (Jornal O PYRILAMPO, 1864, p.03)¹⁰

Este recorte dá indícios que os escravos estavam preparando a refeição, mas, como já

¹⁰ Jornal O PYRILAMPO (15 de outubro de 1864, p.03) de Laguna - Santa Catarina.

abordamos das suspeitas acerca dos negros, esta fora uma grande oportunidade para afirmar os escravos a função de feiticeiro, assim havendo outro argumento para tortura e difamação. É interessante notar que o “inspector” memorizou todas as palavras do dueto que estava a olhar por cima do telhado, posição e localização que obviamente dificultariam a sua compreensão. Após observar e acrescentar fatos que não ocorreram sendo comuns nas suspeitas contra os negros. As falas foram muito bem entendidas do que o contexto introdutório, desta forma percebe-se como era frequente comparar os escravos aos feiticeiros em Desterro no século XIX. Publicar no jornal e ganhar visibilidade e reforçar a ideia era necessário para inserir a sociedade nesta percepção, por meio desta publicação percebemos que a palavra de um branco tinha mais poder e influência.

A partir desta passagem, podemos levantar questões acerca das curas – que muitas das vezes fora interpretada de forma errada – e feitiçarias, estas ocorriam também na região de Desterro. Os “Africanos, Índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos rituais específicos a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu medicinal popular.” (SOUZA, 1986, p.166). Constantemente os escravos curavam muitas pessoas, recorriam a eles para resolver diversas questões desde amorosas até doenças severas.¹¹ Segundo Souza (1986), o sopro e sucção foram um dos métodos mais utilizados – prática adotada dos pajés – sopravam no local das doenças, sugando e cuspiendo o mal. Muito comum os senhores de seus escravos utilizarem desses conhecimentos para seu benefício próprio:

No Norte do Brasil, no Estado do Grão-Pará, o escravo José, natural da Costa da Mina, curava as sezões de que sofria André Fernandes, fazendeiro. Pegou-lhe uma das mãos “e dando-lhe uma chupada grande e veemente com a boca na mesma mão”, fez com que o doente sentisse melhora imediata, vindo a sarar logo em seguida. José curava também as dores de cabeça do procurador de causas José Januário da Silva: fizera uns defumadouros com ervas, encaminhando a fumaça para a cabeça do paciente. Além disso, assoprava-o dizia palavras estranhas e chupava-lhe o pescoço, lançando pela boca matéria branca semelhante a catarro. (SOUZA, 1986, p.170)

Visto que era muito comum a prática do sopro, assim percebesse o sincretismo das práticas de curas entre os africanos e indígenas, mas, não era apenas entres as duas etnias citadas que combinavam as artes de cura, a utilização de simbologias do cristianismo também ocorrera. O procurador José Januário da Silva curava-se da isolação através de um rito que utilizava do sinal da cruz para auxiliar em sua enfermidade:

¹¹ Segundo Junior (2010), enquanto ao branco cabia o papel de cliente, ao negro e ao índio estava reservado o de fazedor e curador do feitiço.

Primeiro, tomava de um guardanapo aberto e sobre ele fazia cruces em diagonal enquanto rezava o credo. A seguir, dobrava o guardanapo, colocava-o na boca de uma ventosa de vidro cheia d'água e “punha tudo na cabeça do enfermo, ficando o guardanapo imediato à cabeça e a ventosa com o fundo para o ar, com água dentro”. José Januário fazia então duas cruces sobre o fundo da ventosa, dizendo: “O Sol e a Lua tiram-se com o sinal da cruz”. Seguiam-se padres-nossos, aves-marias oferecidas á paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, credos em cruz á pessoas da Santíssima Trindade. (SOUZA, 1986, p.168).

A prática de cura da isolação perpassou as gerações e ainda permanece no folclore do Nordeste, sendo realizada por negros e mestiços paraibanos, nomeada de sol-na-cabeça. Esse método “[...] se tratava de prática comum aos brancos da colônia, temos mais um processo de transmissão e sincretismos operado através dos séculos: na Paraíba de hoje, esses rezadores são sempre catimbozeiros.” (SOUZA, 1986, p.168)

A igreja também possuía seu papel fundamental no processo da cura, sendo muito comum a cura com as palavras. Rezar cinco padre-nossos e cinco ave-marias e um credo por nove noites seguidas era muito comum para se curar dos malefícios. Na região de Desterro “os padres faziam curas em nome de Deus e, geralmente, as funções de padre e “médico” se associavam [...], essa situação ocorria geralmente em locais de baixa renda, na periferia, onde a presença de médicos era escassa e os recursos remédios também.” (LIZ, 2011, p.27). Além dos padres que recorriam por meio das rezas, havia as mulheres que se dedicavam a cuidar das pessoas, assim:

As benzedeadas, através de rezas, palavras secretas e elementos da natureza – como ervas – pediam a cura e afastavam o mal. As benzedeadas tinham como objetivo, aliviar, além das doenças, as preocupações do cotidiano difícil, geralmente relacionado com as condições materiais de subsistência. (LIZ, 2011, p.27)

As rezas também eram utilizadas nos partos, além de benzedeadas também tinham para si a função de parteira. Elas possuíam muito conhecimento no que se propôs a fazer, esta sabedoria de cunho popular era adquirida baseada na experiência e passada para as gerações quem a quisesse aprender. “A benzedeadas aparece como um misto de médico e sacerdote, uma doadora.” (MALUF, 1993, p.128). Muitas das vezes sendo uma luz no fim do túnel para as pessoas que não tinham condições de pagar médicos.

Entre as atribuições que definem uma benzedeadas, está o fato de que ela precisa ser reconhecida pelos outros enquanto tal. No caso da bruxaria, no entanto, as narrativas apontam para outro sentido: na maior parte dos casos relatados, quem é procurada e tem poder para desfazer a bruxaria é uma benzedeadas de fora da comunidade e, não raras vezes, negra. (MALUF, 1993, p.129)

Maluf (1993) relata sobre a pessoa que tinha conhecimento das ervas era chamada para ajudar a vizinhança – sempre estavam a disposição da comunidade –, desta forma tornavam-se benzedoras, através do reconhecimento de sua competência e dos auxílios. A benzedora e o curandeiro eram muitas das vezes africanos ou afrodescendentes, ambos com grande conhecimento em ervas e métodos de cura, recorriam a eles para afastar os feitiços. O feiticeiro e a bruxa – versão maléfica da benzedora e do curandeiro – possuíam e utilizavam do conhecimento adquirido para o mal.¹² “No Brasil colônia, curandeiros podiam tanto restaurar a harmonia rompida, restituindo saúde aos que a tinham perdido, como desencadear malefícios.” (SOUZA, 1986, p.168).

As ervas tiveram papel importante no período da escravidão, esse recurso foi muito utilizado pelos escravos na luta contra as enfermidades quando foram deixados para morrer por seus senhores. Os negros tinham grande conhecimento das ervas, cura e feitiços quando utilizavam como mecanismo de defesa contra seus senhores, deste modo relacionar o negro ao feiticeiro não foi difícil – ainda mais, porque utilizavam constantemente as ervas. Generalizar os escravos a função de feiticeiro serviu de argumento e a exaltação do ódio contra eles, muitos escravos sofreram injustamente. “Escravos podiam ser legitimamente castigados também porque eram feiticeiros. Enxerga-los como feiticeiros, por sua vez, foi uma das manifestações da paranoia da camada senhorial na colônia.” (SOUZA, 1986, p.205)

Conflitos entre os escravos e seus senhores não foram poucos durante os séculos de escravidão. Utilizavam de várias artes contra seus senhores, para a proteção utilizava-se com frequência das “bolsas de mandiga”¹³ – na atualidade as bolsas de mandiga, assemelham-se ao patuá –, dentro colocava-se pimentas, cristais, ervas e no mais diversos objetos de superstição, os itens reunidos eram utilizados sempre para uma determinada função, bolsinha de proteção, curas e demais, não eram só escravos que utilizavam destas, todos recorriam. Além da bolsa de mandiga, a arte da adivinhação auxiliou os escravos, porém foi utilizada muitas vezes contra eles mesmos, “[...] em 1618, um negro velho dos padres do Mosteiro de São Francisco fazia adivinhações com tijelas de água ou vinho, ainda desta vez encontrando escravos fugidos. Os padres seus senhores pareciam conviver bem com as práticas que exercia.”

¹² Segundo Junior (2010), ambas era proibido, as duas práticas tinham diferenças. A magia ocupava de intervir na ordem natural, à feitiçaria criava ou solucionava malefícios, considerado crime grave. Dessa forma, a magia se ocupava mais de ações como a cura de doenças por meio de rezas e remédios e a feitiçaria buscava as forças do outro mundo, malélicas - segundo a Igreja -, para solucionar ou criar problemas.

¹³ Souza (1986) aborda o significado de “Mandigas, ou Malinkê”, eram os povos que habitavam um dos reinos muçulmanos do vale do Níger por volta do século XIII: o reino de Mali. Entre nós, esta designação acabou se transformando em Malê. Os negros conhecidos como malês eram tidos, tanto no Rio como na Bahia, como os mestres da magia negra.

(SOUZA, 1986, p.166) Os clérigos também eram senhores de escravos e recorriam aos negros com frequência não só para adivinhações – arte que igreja difamava e rejeitava –, mas, aos casos de exorcismos também. Através dos negros que tinham conhecimento que se assemelhava ao exorcismo, chamava tal prática de calundus¹⁴. Os religiosos quando achava necessário encaminhavam os possessos e os doentes de feitiços para os negros calundureiros. O escravo Domingos Álvares, curandeiro, praticava o calundu ao que tudo indica, ele:

Orientava cerimônia na qual havia no chão uma vasilha d'água com faca de ponta cravada nela, e em volta várias pessoas. No centro do círculo, junto á vasilha, “uma endemoninhada a que chamava Capitão, que estava dançando e saltando”. Domingos jogava sobre ela uns pós pretos, “pondo-lhe juntamente o dedo sobre a moleira da cabeça”. Perguntava-lhe sobre os malefícios e curas que havia de fazer, indagando ainda: “Capitão, somos amigos?” A endemoninhada respondia que sim. “Estou no inferno?” A endemoninhada respondia negativamente, acrescentando: “Porque vós podeis mais do que eu e donde vós andais, nós não podemos andar”. Domingos defumava a endemoninhada, “com o que ela se enfurecia, e exasperava mais”, dizendo que estava cega. (SOUZA, 1986, p.264)

Os padres acreditavam que os escravos calundureiros tinham mais eficácia nas artes do “exorcismo”, deste modo surgiu um pouco de reconhecimento dos clérigos para com os negros, por saberem lidar melhor com essas situações nas quais eles aparentemente tinham medo de se envolver.

Diversas artes “mágicas” e conhecimentos acerca compuseram o nosso Brasil sobrenatural: “Índios da América, negros da África e brancos da Europa se combinaram mais uma vez para engendrar práticas mágicas e de feitiçaria extremamente complexos e originais.” (SOUZA, 1986, p153) Deste modo percebemos uma enorme carência nas artes da cura nos anos escravista, onde os recursos eram faltantes e a mão de obra médica caríssima, de tal modo que a junção de diferentes conhecimentos étnicos tornou-se necessário para a manutenção da vida nas colônias do Brasil.

5. Considerações finais

Os jornais de Desterro do século XIX possibilitaram abordar variadas temáticas que se interligam com o imaginário popular no período escravista. Deste modo o objetivo da pesquisa fora esclarecer o imaginário e as práticas mágicas, assim sanar os julgamentos através do conhecimento.

¹⁴ Segundo Souza (1986), os negros acreditavam que as almas dos seus parentes defuntos vinham falar pela boca dos enfeitados.

A manipulação do jornal em favor dos brancos e inferiorizando os negros foi muito comum, na atualidade temos as diversas mídias influenciadoras, para não se deixar enganar por esses meios de comunicação, é importante ter uma noção do que está sendo abordado, deste modo não haverá manipulação, pois havendo o conhecimento, possuirá argumentos.

Além dos jornais terem influenciado demasiadamente os pensamentos nas colônias. A religião contribuiu para alienação das ideias, criando imaginários do maligno, assim possibilitando a dedução aos escravos e assim tornando-os filhos do demônio por haver os fenótipos criados nas imagens sobrenaturais, sendo a cor da pele uma das características, denominada a “cor do pecado”. A religião trabalha com a fé do ser humano, entre outras palavras torna-se o refrigério da alma, nesses momentos as pessoas se encontram em tal fragilidade pelo sofrimento do dia-a-dia que nem possibilitam a pensar, apenas acatam, enfim, não é necessário aborda demasiadamente sobre o estrago religioso na saúde física e psíquica, é só estudar a História Medieval e História do Brasil para entender uma noção, sendo alienação e manipulação dos fiéis uma ferramenta perigosa para a sociedade em que vivemos, pois a religião pode cegar e enlouquecer as pessoas.

O fator da religiosidade contribuiu para a hierarquia das raças, inferiorizados os negros através do imaginário sobrenatural, porém os naturalistas dos XVIII reforçaram ainda mais esta ideia através da escala hierárquica das raças. Abordar estas questões em nossa sociedade é de extrema importância, pois assim as pessoas perceberão que as atitudes tomadas perante aos afrodescendentes, estas de cunho preconceituosas impostas pela religião e pelos naturalistas ficaram encravados no inconsciente, entender este fator histórico possibilitará o ser humano acordar e percebe as artimanhas que os circundam na sociedade, deste modo ensinado a pensar sobre o assunto de forma crítico-social e fomentando a visão de texto-mundo.

Os estudos realizados acerca das práticas mágicas possibilitaram conscientizar através da história. Muitas pessoas recorriam às diversas técnicas: no curandeirismo utilizavam por não terem condições financeiras para adquirir os serviços da medicina, visto que muitos senhores também recorriam; nas práticas defensivas feitas pelos escravos contra os seus senhores, fica evidente o qual sofria este grupo social; os calundus, foram auxiliares dos padres para assuntos sobrenaturais no qual não havia conhecimento sobre o “exorcismo”; o conhecimento dos escravos em diversos assuntos auxiliaram demasiadamente os senhores e mesmo após o auxílio ainda eram tratados mal, para não adquirirem confiança e assim mantendo a ordem através do medo. Na atualidade muitas pessoas ainda recorrem a práticas

mágicas contra as enfermidades, porém conciliam com a medicina, as técnicas de baixo custo não findará se ainda os preços de consultas e fármacos estiverem em alta. Além da questão de custo benefício das práticas, temos a crença que habita o ser humano, esta que deve ser respeitada por mais que vá contra seus ideais, pois só assim viveremos em uma sociedade menos conflituosa em busca da paz.

A cor da pele significou e permanece ocorrendo como meio de segregação. Perceber e entender o diferente em nossa sociedade é de extrema importância no processo de humanização, apenas com as diversidades de opiniões, sexuais, etnias-raciais, gêneros e afins, poderá se ter um pensamento amplo, sendo processo educador e auxiliador para uma nação que preza pela valorização, respeito e inclusão. Isto é, amar o próximo em sua totalidade!

6. Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.242.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JUNIOR, Mario T. S. **O diabo do feitiço**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 5, Nº 52, Janeiro 2010.

LIZ, Pamella A. **Marginalização da crença: as práticas de cura em Santa Catarina sob as diferentes óticas**. Florianópolis (SC): UFSC, 2011, p.27.

MALUF, Sônia. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993, p.129.

MUNANGA. Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. São Paulo: USP, 2003, p.05.

SOUZA, Laura de M. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.110.

_____. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.168.

7. Jornais

O Campeão. Tijucas Grande, 1885.

A Lucta. Desterro, 1885.

O Pyrilampo. Laguna, 1864.